

---

## **Boatos e eleições no Brasil: os atores mudam, os rumores permanecem. Análise das buscas pelo termo *boato* no Google entre 2014 e 2019.<sup>1</sup>**

Iasminny Thábata Sousa CRUZ<sup>2</sup>.  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

Em momentos de crise, os boatos surgem com força mobilizadora e atuam, juntos a outros fenômenos, no processo de rearranjar e confirmar opiniões contraditórias, alimentando narrativas e enquadramentos dos acontecimentos. Neste artigo, analisamos as buscas e o interesse pelo termo "boato" no Google, nos períodos de um ano entre as eleições e a posse dos três últimos presidentes do país: Dilma Rousseff (2014), Michel Temer (2016), e Jair Bolsonaro (2018). E buscamos entender melhor as características mobilizadoras que ligam essas buscas aos esforços de gestão da atenção dos públicos frente ao contexto de crise democrática pela qual passamos.

**PALAVRAS-CHAVE:** boato; crise política; democracia; eleições; mobilização

### **1. BOATOS PARTICIPAM E ALIMENTAM CRISES DEMOCRÁTICAS**

Uma crise, amiúde, considera uma ruptura com o estado anterior das coisas. Basta uma rápida leitura em uma das definições do Dicionário Michaelis para o termo, para situarmos a ideia de crise como sendo um “estado em que a dúvida, a incerteza e o declínio se sobrepõem, temporariamente ou não, ao que estava estabelecido como ordem econômica, ideológica, política etc” (MICHAELIS, 2019). Em uma democracia, o termo se associa rapidamente ao enfraquecimento da credibilidade das instituições e do governo, e também à disputa da representatividade de quem se considera o povo.

Sem susto, a crise tem sido expressão recorrente nos estudos políticos atuais, a ponto de Manuel Castells<sup>3</sup> (2019) ser contundente ao explicar que os brasileiros têm passado por uma crise em sua democracia, categorizando que estamos entrando naquilo que ele chamaria de “uma ditadura da era da informação”. Ele afirma:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 7 - Relações Públicas e Comunicação Organizacional (Divisão Temática 3 - Relações Públicas e Comunicação Organizacional), do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), e-mail: [iasminnytscruz@gmail.com](mailto:iasminnytscruz@gmail.com)

<sup>3</sup> Em palestra durante o Seminário “Comunicação, Política e Democracia” realizado na Fundação Getúlio Vargas (RJ), em 16 de julho de 2019. Tradução da autora. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1orNFmG6Fbs>

---

Neste momento, vocês estão entrando naquilo que eu chamaria de uma ditadura da era da informação, uma ditadura sutil, em que o imaginário de grande parte da população brasileira está sendo conduzido a uma direção totalmente contrária aos direitos humanos, ao respeito e à liberdade. Há aí um processo de desconstrução de tudo que as instituições têm feito e que permitiram ao Brasil lutar, por exemplo, contra a ditadura tradicional. (CASTELLS, 2019)

Neste sentido, encaramos, de fato, uma crise que não é tradicional. Quando Yascha Mounk, na obra *O Povo Contra a Democracia* (2019), traz para o centro do debate de uma crise democrática a importância e as vicissitudes *do povo*, ele levanta a bola de uma discussão sobre o populismo e os governos populistas tanto dos espectros da direita quanto da esquerda política. O que se revela é o sequestro das delimitações da representação do que se considera o povo que vale à pena ser representado. E como o próprio povo se mobiliza para demandar uma nova representação de si.

Outra crítica interessante que nos ajuda a entender a crise pela qual passamos vem de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, na obra *How Democracy Dies* (2018). Como destacado pelos autores, em um regime democrático, as duas regras informais decisivas para o funcionamento de uma democracia seriam: a tolerância mútua e a reserva institucional. Quer dizer, o reconhecimento de que o outro lado, caso jogue pelas regras, tem o mesmo direito que nós de existir e de competir pelo poder e, afinal, de governar; e que é preciso evitar as ações que, embora respeitem a lei, violem o seu espírito.

Falamos, deste modo, não de uma crise nacional proveniente de golpes violentos, sangrentos, inflamados, com a presença de tanques de guerra nas ruas, mas daquela que como afirmou Castells, é sutil, advinda da subversão dos líderes eleitos que enfraquecem o próprio processo que o levou a ser eleito. Uma crise democrática, portanto, aponta para a desordem do nosso cotidiano, para a instabilidade, a presença da dúvida, da incerteza e do declínio da segurança deste regime, que se sobrepõem. Ou seja, diferentes inconsistências que ocorrem umas sobre as temporalidades das outras, tornando essas oscilações momentos de insegurança, hesitação e ambiguidade. Esta última, alimentada ao mesmo tempo que alimentadora dos boatos.

Dessa forma, para que serve um boato numa crise democrática? Uma das razões tem a ver com o modo como, dentro da democracia, a liberdade é sustentada como um alicerce do povo (MOUNK, 2019). A liberdade de informação e de imprensa são redes de confiança que devem trabalhar conjuntamente para nivelar as deformidades e desigualdades sociais, trabalhando para apontar e auxiliar o ajuste das diferentes

---

distorções a que somos expostos em uma democracia - uma vez que a discussão sobre a *demos* de uma democracia traz uma ideia de representação que pode cair no totalitarismo, caso não sejam respeitadas suas complexas diferenças internas e sejam desrespeitadas as bases de funcionamento das instituições públicas.

E há de tudo nesta crise: descrédito lançado contra o papel e o trabalho da imprensa e os resultados objetivos, por exemplo, das eleições; dúvidas à credibilidade dos dados racionais, fé na opinião em detrimento dos fatos objetivos e concretos da realidade, delimitações impostas aos sujeitos que não se enquadram no que seria o “povo real” a que a *demos* da democracia diria respeito e à qual, afinal, deveria representar. Também aqui os boatos se tornam úteis em uma crise na democracia.

Já aqui, devemos balizar nosso conceito sobre os boatos a partir de uma visão menos simplificadora de seu entendimento: boatos não são mentiras. Podem ser, mas não nascem mentira. E também não são verdades, nem assim nascem. Em *Boatos, o mais antigo mídia do mundo* (1993), Jean-Noël Kapferer fala que o boato é a “emergência e a circulação no corpo social de informações que não foram ainda confirmadas publicamente pelas fontes oficiais, ou que não foram desmentidas por estas” (p.16). Ou seja, a conceituação de boato se dá muito mais pelo processo especulativo de sua circulação, do que pela confirmação objetiva de suas (in)congruências. Não existe, porém, consenso acerca das diferenças em âmbito etimológico ou conceitual sobre o que seria um boato, e muito menos uma preocupação com o contexto brasileiro para uso do termo.

No entanto, o que é estabelecido e precisa ser guardado, é que a conceituação de boatos não se liga à verdade, ou à mentira da informação que circula - esta dúvida caminha com ele e quem decide sua veracidade somos nós, públicos, em interação. O mais correto é entendê-lo por seu *potencial de verificação* (KAPFERER, 1993), quer dizer, potencial de ser resolvido e elucidado. Assim, os boatos são: fenômenos sociais, ordinários (uma vez que são cotidianos), pragmáticos, interativos e conversacionais (visto sua raiz comunicativa), não ligados primordialmente à verdade, mas ao seu potencial de verificação e à busca pelo entendimento do mundo dos sujeitos que se relacionam através ou não das redes sociais digitais (CRUZ, 2018).

Isso estabelecido, sigamos. Nosso percurso para este artigo consistirá na construção de um debate sobre como o boato alimenta as diversas interpretações da crise; a apresentação de nossa metodologia, que se baseia na mobilização do interesse dos

---

sujeitos em buscas pelo termo boato no Google nos diferentes momentos das três últimas posses presidenciais (Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro); a exposição desses diferentes recortes de tempo, e as nossas considerações finais.

O intuito é revelar os interesses dos internautas por buscas objetivas pela ideia de boatos (e sua checagem), além de buscar evidenciar traços comuns entre os destaques dos boatos dos períodos; e entender melhor as características mobilizadoras que ligam as buscas aos esforços de gestão da atenção dos sujeitos em contextos de crise política.

## **2. O BOATO ALIMENTA AS INTERPRETAÇÕES DA CRISE**

Nos espaço de cinco anos entre 2014 e 2019, o Brasil viu tomar posse para o maior cargo do Poder Executivo três presidentes diferentes: Dilma Rousseff, em janeiro de 2015; Michel Temer, em setembro de 2016 após processo de *impeachment* da então presidenta; e Jair Bolsonaro, em janeiro de 2018. Em um contexto normalizado, apenas dois presidentes deveriam ter tomado posse democraticamente neste período: Dilma Rousseff em reeleição no ano de 2014, e quem quer que teria vencido a corrida presidencial em 2018. Durante este período, o Brasil passou por um processo de enfraquecimento e desconfiança das instituições democráticas, com forte associação entre o contexto eleitoral e a busca pelo fim da corrupção - ou, melhor, pelo fim daquilo que os diferentes públicos consideravam ser corrupção, além de diferentes entendimentos acerca de quem é, afinal, o povo que deve ser representado?

Em 2014, a democracia brasileira se desdobrava em si mesma, fazendo colidir diferentes blocos sociais que viam no outro bloco um inimigo da que deveria ser destruído, e seu próprio bloco como salvadores da democracia. As acusações de sequestro do que se considera o “povo” de uma democracia, aquele que deve, portanto, sentir-se representado nela é uma discussão levantada por Yascha Mounk (2019) e que trás para centro do debate a reivindicação de representação exclusiva do povo. Trata-se de uma relutância em tolerar a oposição, ou em respeitar a necessidade de instituições independentes; diz respeito a uma dificuldade em tolerar a diferença e o debate sobre diferentes entendimentos de povo. É a tentativa de generalização que apaga o reconhecimento das demandas que não são consideradas importantes, em detrimento da representação “verdadeira” das demandas do povo: é o “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” - mote do governo de Jair Bolsonaro no pleito presidencial de 2018.

---

Neste contexto de risco totalitário de apagamento das diferenças, e de homogeneização da representação popular, os boatos servem à crise da democracia quando, ao aparecerem, revelam uma natureza especulativa e mobilizadora que reforça predisposições dos públicos, e posiciona os sujeitos em relação à tomada de decisões futuras. Quando interagimos e conversamos tendo em vista a busca para a elucidação de uma dúvida comum em uma crise democrática (há, ou não há fraudes às urnas eleitorais?), coletivamente construímos os sentidos simbólicos que alimentam os diferentes interessados nas diferentes versões de boatos que circulam.

Quer dizer, é preciso alimentar a máquina interpretativa dos indivíduos com informações simplificadoras que “colam” naquilo que já queremos acreditar: “há fraude, porque o PT ganhou; há fraude, porque o PT perdeu”. Dependentes das dinâmicas da opinião pública, os boatos se moldam com a contemporaneidade, assimilando características de cada tempo. No nosso caso, a espetacularização da vida privada, a dúvida da verdade, e a crise de regime e funcionamento democráticos - que veremos.

### **3. CINCO ANOS, TRÊS PRESIDENTES, E MUITOS BOATOS**

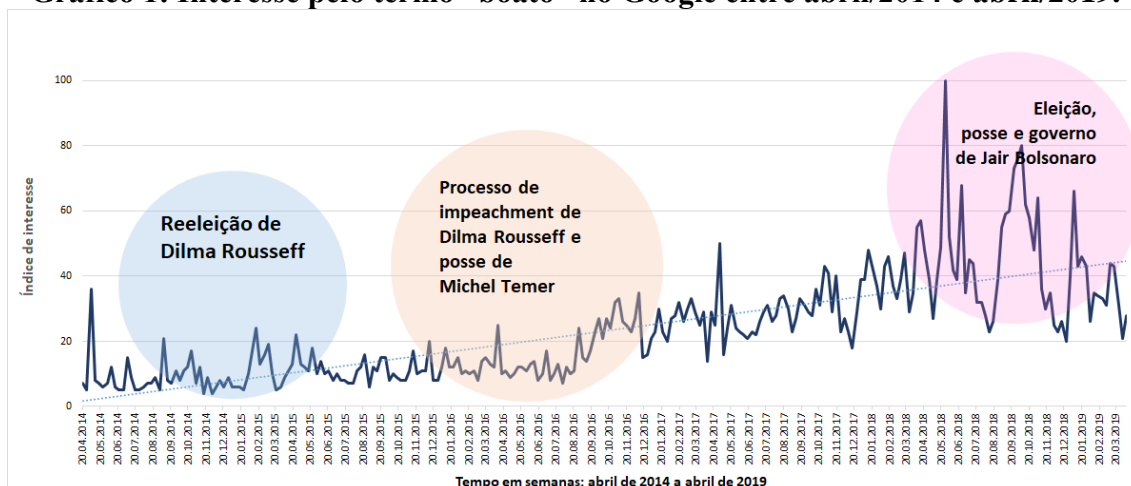
A metodologia deste artigo se baseia em buscas ativas ao termo “boato” no Google Trends (gráfico 1, p.6), site que analisa amostras de pesquisas na web do Google (buscas feitas por palavras nos buscadores do Google) para determinar o índice de pesquisas realizadas em um determinado período de tempo. No nosso caso, ao fazermos pesquisas sobre “boato” no Brasil, poderemos ver o rastro da dinâmica do termo no tempo e, ao encontrarmos os picos de destaque das buscas, nos determos em mais detalhes daquele momento, observando nuances dos enquadramentos e descobrindo características do contexto. É possível fazer buscas em diferentes períodos e baixar os dados dos índices de interesse a respeito daquele termo, gerando gráficos.

Este tipo de metodologia tem o mérito de colocar a mobilização dos públicos no centro do processo de alimentação do processo de boatização, trazendo novas compreensões acerca das facetas contemporâneas sobre as características desses agrupamentos, apontando para mudanças nos comportamentos dos públicos nos últimos anos em relação à especulação da vida moderna.

Não se sabe com certeza e exatidão em que momento um boato vai florescer, o que podemos defender é que o boato, sob certas circunstâncias, “explora nossa inteligência coletiva diante da incerteza. Aprofunda-se na racionalização dinâmica,

característica de nossas experiências sociais humanas” (DIFONZO, 2009, pp. 2-3), e se torna não um conceito primordialmente político e ideológico, mas por ser de raiz conversacional – e, por isso, atrelado à esfera dos públicos; torna-se antes de tudo um “conceito sociológico, ou melhor, psicossociológico” (REYNIÉ in TARDE, 2005, p.XXXI). E, para nós, por conseguinte, também pragmático em âmbito político.

**Gráfico 1: Interesse pelo termo “boato” no Google entre abril/2014 e abril/2019.**



Fonte: CRUZ, Iasminny, 2019.

Esta percepção não tem outra base senão aquela da construção da opinião pública observada por Gabriel Tarde (1992), pois é uma visão que considera a participação da imprensa e, sobretudo, dá atenção às conversações, que são entendidas já de início como todo “diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez” (p.76). Ou seja, em que se fala não necessariamente com alguma intenção adestradora de comportamentos, mas para se buscar entendimento sobre aspectos cotidianos da vida.

Como veremos em mais detalhes, entre 2014 e 2019 houve, no Brasil, uma escalada no interesse pelo termo *boato* nas plataformas do Google. Isto significa que, no decorrer desses anos, não apenas o termo se tornou mais popular e de uso mais comum, mas também que tanto os trabalhos de checagem da informação (*fact-checking*), quanto a real associação do termo com aspectos políticos do nosso dia a dia para além dos acontecimentos pitorescos da fofoca das celebridades estavam acontecendo com mais intensidade e em maior escala. A busca pelo termo *boato* no Google representa um comportamento dos públicos em duas fases da dinâmica de um boato: a perseguição do entendimento do contexto, e a delimitação, que nem sempre acontecem, da verdade.

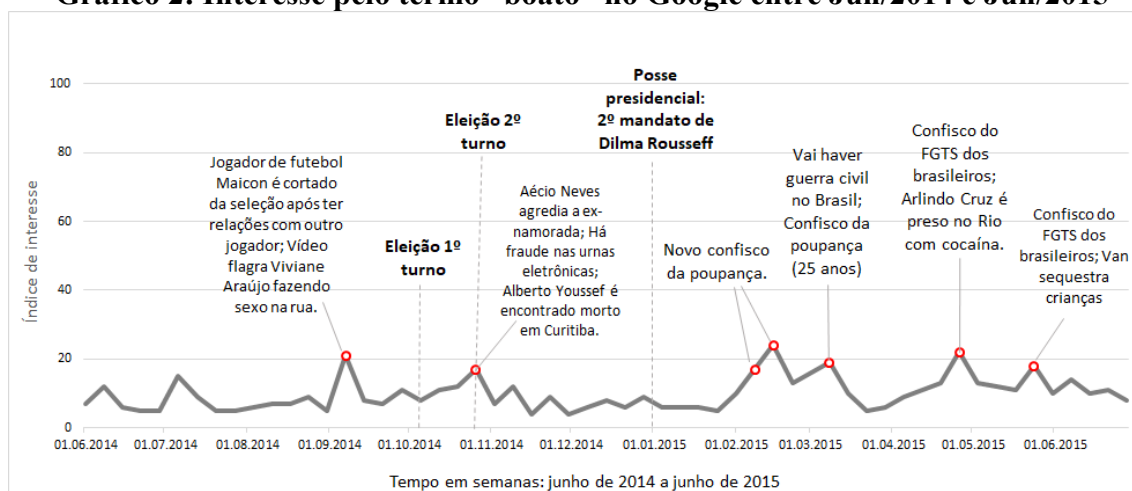
O risco incide também no processo de voltar para a esfera pública a informação de que determinado conteúdo era falso, uma vez que as maneiras como os públicos formatam suas opiniões perpassam inúmeros arranjos que vão desde a disponibilidade de canais de acesso à informação verificada, as diferentes temporalidades dos canais, os assuntos que despertam interesse, o modo como as diversas mensagens são recebidas, o estado de espírito dos sujeitos no momento da recepção, e ainda, a fidelidade menos ou mais forte que os sujeitos possuem com as próprias crenças e medos, se quem fala, fala de maneira aceitável, e se sua estética, retórica e representação são adequadas.

Em consequência disso, os boatos circulam em meio à opinião pública e são dependentes das interações sociais e tudo que disso implica: os limites de acesso tecnológico, os preconceitos e esperanças públicos, os níveis de entendimento dos que interagem, a propensão a se acreditar mais em um lado e menos em outro, o acesso à informação e aos canais de imprensa, e, no caso de uma crise democrática, o enfraquecimento da credibilidade das instituições e do governo.

### 3.1. Junho de 2014 a Junho de 2015: reeleição de Dilma Rousseff

No período de observação deste estudo (cinco anos entre 2014 e 2019), os doze meses que menos tiveram associação com o termo *boato* no Google foi entre junho de 2014 e junho de 2015. Ou seja, esses foram os meses dos últimos cinco anos em que os sujeitos demonstraram menos interesse em saber se determinada informação que circulava nas conversações eram boatos, se procediam ou não.

**Gráfico 2: Interesse pelo termo “boato” no Google entre Jun/2014 e Jun/2015**



Fonte: CRUZ, Iasmenny, 2019.

---

Apesar da existência de boatos de ataque aos oponentes políticos, comuns ao período eleitoral, o segundo semestre do ano de 2014 ficou marcado também pela aproximação do termo *boato* com o termo *fofoca*, comum quando se trata da curiosidade sobre a vida das celebridades.

Antes do primeiro turno da eleição, o maior pico de associação com o termo *boato* veio de duas histórias de cunho sexual, que se mostraram fantasiosas. A primeira, de que o jogador de futebol Maicon Douglas teria sido cortado da seleção brasileira após ter relações homoafetivas com outro jogador, o futebolista Elias Mendes (ESPORTE ESPETACULAR, 2014); e, depois, a informação de que um vídeo havia flagrado a atriz Viviane Araújo fazendo sexo na rua (BOATOS.ORG, 2014).

Na semana do segundo turno eleitoral, no entanto, a eleição presidencial ganhou holofotes rumorosos e tratou de casos como o de que Aécio Neves (PSDB), candidato à presidência naquele pleito, agrediu uma ex-namorada (BOATOS.ORG, 2014); o caso, comum, da suspeita de fraude nas urnas eletrônicas (E-FARSAS, 2014); e o caso do assassinato de Alberto Youssef (E-FARSAS, 2014), doleiro que segundo reportagem da revista *Veja* teria denunciado a candidata Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio da Silva em um escândalo de desvio de dinheiro da Petrobras. Uma das versões deste boato dizia que Youssef teria sido envenenado em sua cela a mando do PT. Ficou-se provado, porém, que ele havia somente sofrido uma forte queda forte de pressão.

As tentativas de gestão da atenção para os erros desqualificadores do Partido dos Trabalhadores não evitou que Dilma Rousseff ganhasse a eleição com 51,64% dos votos válidos, contra o candidato tucano Aécio Neves. Nos dois anos seguintes Dilma seria retirada do seu cargo presidencial e o vice-presidente assumiria o cargo - tudo em meio a uma crise sem precedentes na moral política nacional e a boatos de risco de novos confiscos da poupança, possibilidade de guerra civil no Brasil, e mesmo um novo tipo de confisco, desta vez do FGTS dos brasileiros (CRUZ, 2018).

David Runciman (2018) nos ajuda a entender a mecânica das redes que disseminam boatos, casos do Facebook, Twitter e Whatsapp: elas atuam sem o devido critério de zelo à verdade e às regras de fiscalização. Para o autor, a democracia moderna é, além de extremamente mecânica, também artificial e “não proporciona uma alternativa aos sistemas complexos que supostamente se encarrega de regular. Ela copia seu comportamento, tornando-se ela própria cada vez mais complexa e artificial”



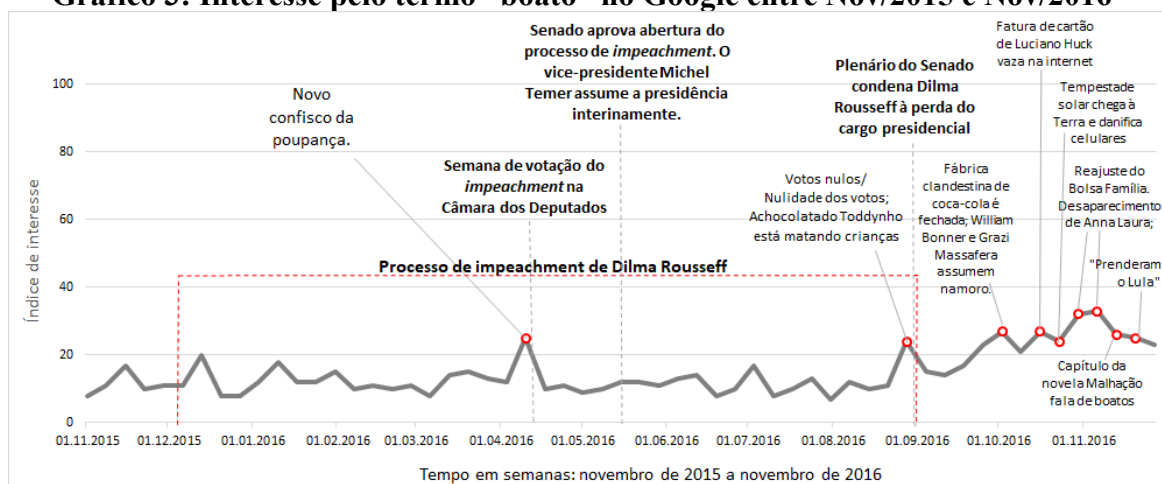
(RUNCIMAN, 2018). Também por isso, vemos distorcidas as condições ideais de vida da democracia na atualidade brasileira: as redes não atuam com apreço à realidade e fortalecem o processo especulativo das contendas políticas - que precisam justamente mexer com a desconfiança e o jogo de descredibilidade dos sujeitos.

### 3.2. Nov/2015 a Nov/2016: *impeachment* de Dilma Rousseff e posse de Michel Temer

De forma semelhante, entre novembro de 2015 e novembro de 2016, o que se percebe é a passagem da crise governamental para a acentuação de boatos do tipo não político. É apenas após o processo de impedimento de Dilma Rousseff se encerrar que crescem as preocupações com a fatura de cartões de crédito de personalidades como o apresentador Luciano Huck, com o fechamento de fábricas clandestinas do refrigerante Coca-Cola, e com o hipotético namoro entre o apresentador televisivo William Bonner e a ex-BBB e atriz, Grazi Massafera. Todos os casos de boatos se mostraram falsos.

Todos eles, assuntos muito mais mezinhos e simples, que aguçam não a preocupação com o futuro democrático do país, mas a curiosidade que enfrenta a privacidade das figuras públicas. Durante o processo de impedimento de Dilma Rousseff, a única associação ao termo boato que se destaca evidencia o medo para o risco de um novo confisco da poupança. Tema que já havia aparecido no primeiro semestre de 2015 (gráfico 2, p.7), e que torna a aparecer no Brasil pós-*impeachment*.

**Gráfico 3: Interesse pelo termo “boato” no Google entre Nov/2015 e Nov/2016**



Fonte: CRUZ, Iasminny, 2019.

Não existe linearidade entre o aparecimento deste novo boato sobre o confisco e seus antecedentes. A cada vez que aparece, o boato do confisco da poupança vai sendo transformado pelas características da época. E cada tempo tem sua própria dinâmica. A

---

relação entre o ressurgimento de boatos e as notícias da imprensa que sempre rememoram o fato concreto da posse dos valores no ano de 1990 é apenas parte da narrativa. O rumor do confisco está associado não apenas à memória da apreensão em si, mas à crise econômica por que passava o país desde 2014, e, em consequência, também aos pedidos de *impeachment* de Dilma Rousseff (CRUZ, 2018).

No mesmo período do processo de impedimento de Dilma e a posse de Michel Temer, o mundo testemunha a ascensão de diversos líderes extremistas, a retração das fronteiras, o uso da mineração de dados na influência de votações eleitorais e referendos, e um trabalho ativo na criação de desordem e confusão (RUNCIMAN, 2018). Gera-se desconforto em pensar no próximo como semelhante e se reivindica a conformação de um “povo real” que deve ser, agora sim, representado.

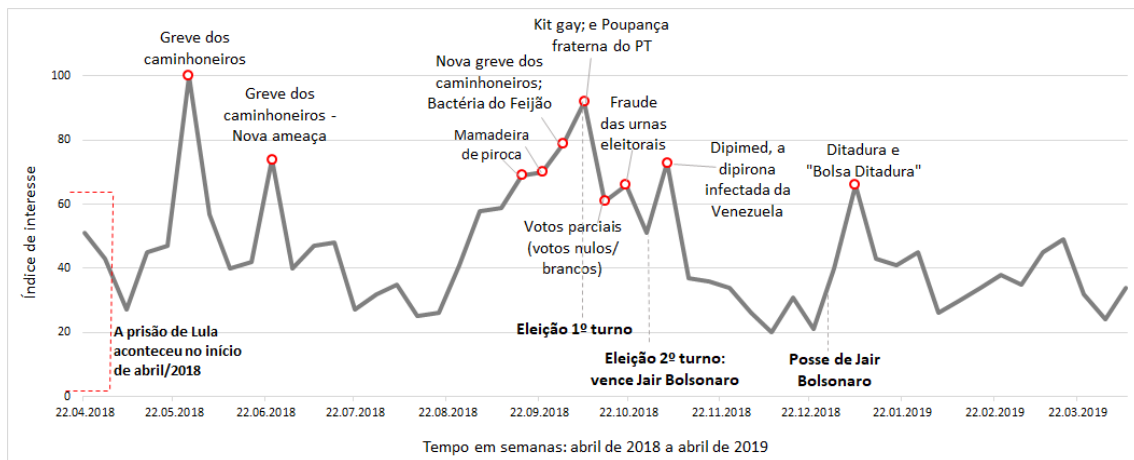
Por meio de boatos, acaba-se por atender a demandas por problemas com grande apelo emocional, enquanto somos todos confundidos devido à profusão de notícias e informações não verificadas; e acabamos por ser forçados a reagir a questões e preocupações restritas, ignorando necessidades amplas de uma sociedade que precisa permanecer democrática. Afinal, em que medida uma “mamadeira de piroca” vale mais que o plano econômico e social de candidatos à eleição presidencial do ano de 2018?!

### **3.3. Abril de 2018 a Abril de 2019: eleição e posse de Jair Bolsonaro**

É entre abril de 2018 e abril de 2019 que encontramos os maiores picos de associação e interesse por boatos da última meia década no Google. Rapidamente descobrimos o maior deles - a greve dos caminhoneiros; e verificamos que o período que envolveu a corrida presidencial de 2018 e a posse do novo presidente em janeiro de 2019 foi intensamente marcada pelos boatos, as fake news, a tentativa mais perceptível de mobilização contra a eleição do candidato petista à presidência, Fernando Haddad, e mesmo a recorrente rumorização de fraude às urnas. Duvidar da lisura do resultado da eleição não é estratégia original, mas, assim, levantam-se inimigos, desconfia-se da imprensa; e se abastece o medo do futuro.

Na semana anterior, os boatos que circularam colocaram especial atenção ao também recorrente mal entendimento sobre o que se deu a alcunha de “votos parciais”. Ou seja, sobre as opções de votos incompletos, nulos e brancos nas urnas. De acordo áudios que circulavam, o voto seria anulado em caso de escolha de candidatos para apenas um cargo. A Justiça Eleitoral precisou agir sobre o caso (TRE-MG, 2018).

**Gráfico 4: Interesse pelo termo “boato” no Google entre abril/ 2018 e abril/2019.**



Fonte: CRUZ, Iasminny, 2019

Após o resultado do segundo turno, um novo e diferente ataque às nossas certezas e opiniões sobre os nossos vizinhos da Venezuela é lançado. Neste caso, o boato se alimenta de nossos medos da crise, do que queremos para o futuro em termos de economia para o país, e o receio da aproximação de tudo que possa envolver um governo totalitário de esquerda e comunista. Este é um exemplo de caso do usufruto inteligente que os boatos fazem dos preconceitos e dos estereótipos que todos nós sustentamos como públicos em interação. De quem você tem medo?

Nos doze meses entre abril de 2018 e 2019, o maior e mais frequente dos boatos, e também o primeiro e segundo dos destaque, foi a conversação sobre a greve dos caminhoneiros. Sabemos que o ano de 2018 foi um ano de oscilação política e crise governamental e institucional. Esse era o contexto, e à semelhança com o boato do confisco da poupança, que se tornou recorrente após um caso concreto, o boato sobre a greve dos caminhoneiros volta não apenas em junho de 2018, mas em setembro do mesmo ano, antes do primeiro turno. Neste boato, o que o distingue é o medo para o risco de uma nova paralisação que poderia se tornar novamente real (CRUZ & HENRIQUES, 2018), uma vez que devido uma ação organizada pelas redes do Whatsapp, o Brasil viu entrar em greve mais de um milhão de caminhoneiros entre os dias 21 e 31 de maio de 2018. O medo de novas paralisações era quase razoável.

O terceiro e quarto picos são sobre a “mamadeira de piroca”, utensílio com bico em formato de pênis que estaria sendo distribuído nas escolas e creches municipais por determinação do Partido dos Trabalhadores e de Fernando Haddad, candidato do PT à

---

eleição presidencial. A informação sobre a mamadeira era fortalecida pela existência de um vídeo que quase ultrapassou três milhões de visualizações em 48 horas apenas em uma publicação no Facebook (E-FARSAS. 2018). Devido à especial capacidade de causar choque, este rumor acabou por ultrapassar as características comuns do boato para assumir formatos associados às *fake news*.

Junto ao quinto ponto de novo risco de greve dos caminhoneiros, encontramos o boato da “bactéria do feijão”, que dizia que colocar feijão de molho com vinagre antes de cozi-lo mataria uma bactéria que nem antibióticos estariam resolvendo (G1, 2018). O caráter caseiro do cozimento do feijão, grão que faz parte da alimentação cotidiana das pessoas, ajuda a explicar a amplitude do impacto deste risco.

O sexto ponto ocorreu na semana do primeiro turno eleitoral, com o Kit Gay e a “Poupança Fraternal do PT” (G1, 2018) . O que se apelidou como “Kit Gay” era, na verdade, um projeto real intitulado “Escola sem homofobia”, do Ministério da Educação, composto de caderno, boletins, cartazes e vídeos. O boato, que se tornou uma *fake news*, atribuía a Fernando Haddad a criação do kit, bem como sua distribuição para crianças de 6 anos. Na verdade, o material era voltado para educadores.

O caso da “Poupança Fraternal do PT” deriva do Projeto de Lei Complementar 137/2004, de autoria do deputado Nazareno Fonteles (PT-PI), e é desmentido desde 2006, mas retornou em 2018. O boato dizia que o brasileiro só poderia gastar até R\$ 8,7 mil da própria renda mensal e o excedente deveria ir para uma conta e só seria devolvido após 14 anos. Uma nova espécie de confisco da poupança que teria como culpado unicamente o PT, na semana do primeiro turno da eleição.

Por fim, já em janeiro de 2019, momento da posse do novo presidente, surgem boatos sobre a ditadura e a “bolsa ditadura”. Na boataria sobre a ditadura, foi-se dito que o Ministro Luiz Fux, do STF, havia decretado o fim do auxílio para anistiados na Ditadura, dentre eles Gilberto Gil e Caetano Veloso (BOATOS.ORG, 2018). Em meio à primeira semana de governo de Bolsonaro, o caso foi recebido como “boa notícia” por parte dos indivíduos e tido como anúncio do fim de regalias “ao outro lado”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A analogia da crise é uma das características mobilizadoras que liga os diferentes momentos de boatos no decorrer de nossa história. Com o acirramento deste contexto, vemos também uma intensificação da circulação e da checagem dos boatos.

---

E se disseminam boatos por diversas razões: por medo, em situações de profunda incerteza, devido às inseguranças e crises. Não há exatamente como determinar as motivações de origem, porque elas vão se sobrepondo e se misturando conforme a informação circula, sendo dependente da subjetividade dos indivíduos que interagem naquela situação. Tal formação simbólica é fragmentada e os boatos se utilizam tanto do cotidiano quanto de nossas experiências e interesses para estabelecer valor enquanto busca sobrevida nas agendas de debate públicas (CRUZ, 2018).

Basta o medo do fim da existência do que se considera ser o que nos sustenta (a nossa verdade, o nosso entendimento de certo, e quem consideramos digno de ser considerado povo) para comprometer as redes de amarras e de percepção das amarras democráticas nos Estados. E os boatos são muito eficientes no preenchimento e reafirmação de nossas certezas, tanto quanto muito eficientes em não levantar novas perguntas, uma vez que o que os boatos fazem é justamente se aproveitar de nossas experiências, medos e expectativas.

O ponto de partida que tomamos neste artigo (de observar o fenômeno do boato como social e pragmático) nos aproxima do entendimento de que as práticas relacionais feitas no espaço – tanto físico, quanto digital – tecem as condições modeladoras da vida social. Essa percepção do boato como fenômeno intrínseco da vida humana tem uma razão: a circulação de boatos como os notados no decorrer da posse dos três últimos presidentes brasileiros mexe com a maneira como acreditamos no que nos dizem, suscita problemáticas a respeito das fontes que escolhemos invocar antes de tomarmos decisões e vai formando, no seu caminho, uma diversidade de públicos (CRUZ, 2018).

E assim os boatos também mobilizam nossa atenção a partir dos nossos interesses, disputando as narrativas frente aos esforços de gestão da atenção dos públicos em um contexto de crise democrática e representativa. Com a influência da pós-verdade e da hipercomunicação vai-se-nos suprimindo o tempo de tomadas de decisão e os boatos, com suas versões apenas potencialmente verificáveis, tornam-se menos absurdos.

E, como vimos, na busca pelo entendimento do mundo por meio da circulação de boatos, os públicos serão diversos e assumirão configurações momentâneas para entrar em ação em diferentes níveis de opinião e de comprometimento com o assunto ou controvérsia. É essa opinião que, enquanto reverbera, vai-nos convocando “uma coletividade puramente espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente

separados e cuja coesão é inteiramente mental” (TARDE, 1992, p.5). O que quer dizer que, como públicos, possuímos tendências de comportamentos e não precisamos estar juntos fisicamente para que nossas opiniões sejam formadas. Nessa lógica, a relação entre público e experiência surge no momento em que ocorre a afetação dos sujeitos. Ou seja, quando os sujeitos tomam consciência de um determinado problema e resolvem agir sobre ele (DEWEY, 1958[1927]) - mesmo quando essa ação é exatamente acreditar menos ou mais em informações especulativas e rumorosas, passá-las para frente, ou buscar, no Google, detalhes da veracidade dessa informação durante momentos eleitorais importantes para a democracia do país.

Assim, a dinâmica do boato vai depender, sobremaneira, dessa racionalização social que não pode ser confundida com ingenuidade ou estupidez, uma vez que ao serem introduzidos no corpo social, os boatos podem ser inicialmente divulgados exatamente como uma informação verídica. Em um contexto onde também convivemos com a descrença nas instituições que deveriam representar e agir com políticas públicas, temos de lidar também com a especulação e a desconfiança. E o risco da intensificação da desinformação é também a confusão causada junto aos menos comprometidos com uma das versões em disputa, o que acaba por justificar aqueles que já se comprometeram com um lado da narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOATOS.ORG. **Retrospectiva 2014: os boatos que mais bombaram em 2014**. 31/12/2014. Disponível em: <<<https://www.boatos.org/opiniaio/retrospectiva-2014-os-boatos-que-mais-bombaram-em-2014.html>>>. **Os cinco desmentidos de fake news mais lidos de 2018 no Boatos.org**. Acesso: <https://www.boatos.org/lista/textos-mais-lidos-de-2018.html>. 2018
- \_\_\_\_\_. **Luiz Fux determina fim de auxílio para anistiados**. Acesso: <<<https://www.boatos.org/politica/luiz-fux-stf-fim-auxilio-anistiados.html>>>
- \_\_\_\_\_. **Retrospectiva 2018 de fake news**. Acesso: <<<https://www.boatos.org/lista/retrospectiva-2018-das-fake-news.html>>>
- BRASIL. TRE-MG. **Justiça eleitoral esclarece boato sobre voto incompleto ou parcial**. Acesso: <http://www.tre-mg.jus.br/imprensa/noticias-tre-mg/2018/Outubro/justica-eleitoral-esclarece-boato-sobre-voto-incompleto-ou-parcial>
- CRISE. **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <<<http://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=crise>>>.
- CRUZ, Iasminny Thábata Sousa. **Condições de oportunidade dos rumores: o boato do confisco da poupança numa dinâmica de formação da opinião pública**. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais. p. 195. 2018.

CRUZ, Iasminny Thábata Sousa; HENRIQUES, Márcio Simeone. **Paralisações na estrada, opinião pública em movimento: análise exploratória dos tuítes do @planalto e questões de influência durante a greve dos caminhoneiros do Brasil.** II Jornada de Comunicação Pública Porto Alegre. 2018.

DEWEY, John. **Arte como Experiência** [1927]. Tradução: Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Editor Victor Civita. Abril Cultural, 1958.

DIFONZO, N. **O poder dos boatos: como os rumores se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e por que acreditamos neles.** Rio de Janeiro. Ed.Campus. 2009

E-FARSAS. **20 Boatos que circularam durante as eleições de 2014.** Disponível em: <<<http://www.e-farsas.com/20-boatos-que-circularam-durante-eleicoes-de-2014.html>>>.

\_\_\_\_\_. **Os boatos mais populares do 2º semestre de 2014** Disponível em: <<<http://www.e-farsas.com/os-boatos-mais-populares-2o-semester-de-2014.html>>>. Acesso em junho de 2019.

\_\_\_\_\_. **É verdade que o PT de Haddad distribui mamadeira erótica?** Acesso: <<<http://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-pt-de-haddad-distribui-mamadeira-erotica-nas-escolas.html>>>

ESPORTE ESPETACULAR. **Elias diz que riu de boatos sobre corte de Maicon: “Não sou homossexual”.** 08/09/2014. Disponível em: <<<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/elias-diz-que-riu-de-boatos-sobre-corte-de-maicon-nao-sou-homossexual.html>>>

G1. **É fake que Haddad criou kit gay para crianças de seis anos.** Disponível em: <<<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay.ghtml>>>

\_\_\_\_\_. **Poupança fraterna, alvo de boatos, limita gastos familiares.** Disponível em: <<<http://g1.globo.com/noticias/politica/poupanca+fraterna+alvo+de+boatos+limita+gastos+familiares.html>>>

\_\_\_\_\_. **É #FAKE mensagem que diz que colocar feijão de molho com vinagre mata bactéria.** Disponível em: <<<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/08/04/e-fake-mensagem-que-diz-que-colocar-feijao-de-molho-com-vinagre-mata-bacteria-que-nem-antibiotic-os-estao-resolvendo.ghtml>>>

KAPFERER, Jean-Noel. **Boatos, o mais antigo mídia do mundo.** Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1993. Tradução: MAYA, Ivone M.C.

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **How Democracy Dies.** 2018

MOUNK, Yascha. **O Povo contra a Democracia - Porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la.** 2019.

RUNCIMAN, David. **How Democracy Ends.** New York: Basic Books, 2018.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas.** Martins fontes, 2005 (1992).